

REFERENCIAÇÃO E HUMOR EM CHARGES

Araceli Covre da Silva¹

RESUMO: Este trabalho tem como propósito analisar a charge sob a perspectiva da teoria da referenciação como fenômeno de construção no qual os objetos são criados no e pelo discurso. Para tanto, busca-se apoio fundamentalmente nas concepções de Koch (1998, 2015), Cavalcante, Rodrigues e Ciulia (2003), Lima (2009) e Cavalcante (2012). Parte-se do princípio de que a charge, gênero multimodal, apresenta categorizações que não se estabelecem necessariamente pelas informações explicitadas no texto, mas são produzidas, sobretudo, pela ativação de elementos, cujas pistas funcionam como gatilho para o efeito de criação de humor. As observações indicam que a forma como os referentes são evocados contribui para a função comunicativa desse gênero que, dada a sua configuração, exige informações condensadas e, conseqüentemente, impõe ao leitor o conhecimento dos fatos cotidianos, a fim de produzir sentidos adequados e perceber o humor, a ironia e a crítica social nela presentes.

PALAVRAS-CHAVE: Charge. Humor. Referenciação.

ABSTRACT: This paper has the purpose to analyze the daily cartoon under the perspective of the theory of referencing as a construction phenomenon in which the objects are created in and by the discourse. In order to do so, it gets support fundamentally from the conceptions of Koch (1998, 2015), Rodrigues and Ciulia (2003), Lima (2009) e Cavalcante (2012). It takes as principle that the daily cartoon, as a multimodal genre, presents categorizations which do not necessarily establish themselves by the information implicit in the text, but are especially produced by the activation of elements, whose clues works as a trigger to the creation of the humoristic effect. Observations indicate that the form in which the referents are evoked contributes to the communicative function of the genre that, given its configuration, demands condensed information and, consequently, demands from the reader the knowledge of daily facts in order to produce the adequate meaning and perceive the humor, the irony, and the social criticism present in it.

KEYWORDS: Cartoon. Humor. Referencing.

Considerações iniciais

“Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano”
(Bergson, 2007)

O humor é inerente à vida humana, manifesta-se sob diversas formas, gera riso, emerge das situações vividas pelo homem, instaura-se pela ruptura do que seria habitual, daí, como situa a epígrafe, o cômico é um ato tipicamente humano. Mas como

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFES) e professora do Centro de Ensino Superior de Vitória (CESV). E-mail: aracelicovre@hotmail.com.

esse ato é construído? Que estratégias são utilizadas? Como o efeito de humor é criado? Pensamos sobre essas questões pautando-nos nos processos referenciais utilizados para a produção de charges, objeto de análise. Com base na teoria da referenciação, presente em Mondada (2003), Apotheloz (2003), Koch, (1998, 2015), Cavalcante (2003, 2012) entre outros, analisamos duas charges que versam sobre a prisão de Antony Garotinho, ex-governador do Estado do Rio de Janeiro. Antes, porém, traçamos um panorama sobre a teoria da referenciação e discorremos sobre o gênero charge.

A referenciação no processo de produção textual

A comunicação se estabelece por meio de textos, multimodais ou não, orais ou escritos, que são produzidos com vistas a alcançar determinado objetivo, o que, de certa forma, direciona a configuração dada e a linguagem utilizada. Nessa perspectiva, a concepção de texto ancora-se no fato de que sua produção é “sociocognitivo-interacional de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação” (Koch e Elias, 2006, p. 12). Isso significa que o texto é processado pelo leitor/ouvinte não só por meio das informações presentes em sua superfície, mas também, e principalmente, por meio das informações contextuais, das informações acionadas no ato comunicativo, da relação estabelecida por seus participantes, do conhecimento supostamente compartilhado.

Pensar a interação como um jogo no qual são acionados conhecimentos internos e externos ao ato comunicativo leva-nos à percepção de que o processo de construção textual é dinâmico, configura-se e reconfigura-se baseado na necessidade dos participantes do processo interativo. A maneira como nos comunicamos com os outros se dá muito mais em decorrência de nossa atuação discursiva e de nossa interação sociocognitiva do que de procedimentos formais de categorização linguística, como pontua Marcuschi (2007). Isso revela a inexistência de uma relação biunívoca entre linguagem e mundo, não há uma correspondência direta entre a linguagem e o que ela representa; há, na verdade, relações que se constroem na dinâmica da interação, aspecto defendido, no campo da Linguística Textual, nas pesquisas sobre referenciação.

Os estudos sobre os processos referenciais têm mostrado a questão da referência de modo distinto daquele tradicional, em que há uma correspondência direta entre a

palavra e a coisa que ela representa. Ao contrário, o processo de referenciação é uma construção que depende de muitos fatores e, por isso, não é estável; implica uma visão dinâmica em que os objetos vão sendo construídos e recriados no discurso, de acordo com as intenções do produtor do texto. As formas de referenciação vêm das escolhas dos sujeitos. Os leitores, rastreando as pistas contextuais, estabelecem uma relação entre o texto e a parte não linguística da prática na qual o texto é produzido. Nas palavras de Mondada e Dubois (2003, p. 20), essas práticas “não são imputáveis a um sujeito cognitivo, abstrato, racional, intencional, ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações e de concepções individuais e públicas do mundo”.

Se os referentes são construídos no discurso, no seio da interação, se não são dados *apriori*, mas ativados pelas pistas contextuais, então eles podem ser categorizados e recategorizados a partir das intenções, da necessidade e das escolhas do produtor do texto. Conforme assinalam Lins e Capistrano Jr. (2014, p. 34),

a seleção de recursos da linguagem, portanto, não é mera atividade de designação, rotulação ou etiquetamento do mundo externo ao texto, mas se constitui num processo que, negociadamente, revela como esses sujeitos (re)elaboram realidades e estabelecem suas expectativas e avaliações. Assim, se a construção de referentes é uma atividade dinâmica e instável, os sujeitos estão sempre transformando, moldando (recategorizando) objetos de discurso.

Ao transformar, moldar, recategorizar um referente, o produtor do texto conduz, de certa forma, o percurso interpretativo do leitor/ouvinte, que o constrói consoante suas ações cognitivas e socioculturais. Vale ressaltar que o processo de recategorização extrapola os limites linguísticos do texto. A charge, por exemplo, é um gênero multimodal que integra as linguagens verbal e imagética, em cujo imbricamento o processo referencial se realiza. De acordo com Lima (2009, p. 40), “o processo de recategorização não necessariamente é homologado por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão recategorizadora na superfície textual, estando a sua (re)construção, em maior ou menor grau, sempre condicionada pela ativação de elementos inferidos do plano contextual”. Evidencia-se, assim, que na produção de sentido de um texto as construções referenciais conjugam os elementos presentes na superfície textual com todos os outros que, associando-se a eles por meio dos processos inferenciais, contribuem para a leitura do texto.

Com o intuito de ratificar o quão importante é entender o processo de recategorização como associação de elementos que ultrapassam os limites de ordem linguística, destacam-se as seguintes características propostas por Lima (2009, p. 57):

- i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais;
- ii) a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas;
- iii) a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais.

Nas charges propostas para análise, como sinaliza Lima (2009), demonstraremos que a recategorização pode ancorar-se em elementos fora da superfície textual os quais são ativados pela cognição do leitor/ouvinte a partir das expressões linguísticas. A recategorização pode ser compreendida como um processo que possibilita a modificação do referente ao longo de um texto. Assim, em consonância com Koch (2002), Lima (2009) e outros estudiosos, comungamos da ideia de que a recategorização é um processo dinâmico, construído no discurso pelas pistas contextuais e inferências ativadas pelo leitor. As análises apresentadas mais adiante mostram que a recategorização pode ser uma importante estratégia para a produção de humor em charges. Dada a concisão comunicativa desse gênero, o leitor aciona seus conhecimentos contextuais, categorizando e recategorizando as informações, ainda que não estejam explícitas.

A charge: elementos constitutivos e deflagração do humor

O gênero charge é normalmente publicado em jornais, construído num quadro único, composto de ilustrações que caracterizam personagens ligados a enredos, os quais remetem a referentes situados no tempo e no espaço. De acordo com Silva (2004, p. 13),

O termo charge é francês, vem de *charger*, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. Dentro da terminologia do desenho de humor pode-se destacar, além da charge, o cartum (satiriza um fato específico de conhecimento público de caráter atemporal), a tira, os quadrinhos e a caricatura pessoal.[...]. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto,

pelo sujeito, para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. (SILVA, 2004, p. 13).

O estudo de Silva (2004) indica algumas características presentes em charges, das quais destacamos a temporalidade, a ironia e a caricatura. A primeira porque situa o tema em um momento específico: os fatos enunciados geralmente são da ordem do dia, dos últimos acontecimentos do cotidiano, especialmente políticos; a segunda porque aciona um tom crítico que gera humor; a terceira porque cria o personagem, cujo reconhecimento é fundamental para a produção de sentido.

Os textos chárgicos são temporais porque estão geralmente relacionados a uma notícia jornalística, a uma realidade específica, sobretudo a fatos de cunho político. Mostram um fato sob uma ótica crítica e humorística, de forma leve, aparentemente despreziosa, desvelam o olhar do produtor acerca dos problemas, das mazelas sociais. Um dos recursos utilizados para exprimir esse olhar é a ironia, uma “figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender; [...] se caracteriza pelo emprego inteligente de contrastes, usada literariamente para criar ou ressaltar certos efeitos humorísticos” (Houaiss, 2001, p. 1651). Assim, a ironia revela um dizer que se esconde no não dito, daí ser muito utilizada em textos humorísticos. Além da ironia, há que se pensar na função da caricatura presente nas charges, especialmente as políticas. De acordo com Landowsky (1995, p. 79):

A caricatura política obedece aos mesmos princípios gerais, mas acrescenta certas determinações particulares. Mesmo que, pela acentuação sistemática das incongruências ou das deformidades, ela não se prive nunca de enriquecer a seu modo nossa visão estética dos homens que encarnam o poder, ela limita-se raramente a inferir sobre este plano, o das coisas diretamente visíveis.

Pode-se dizer que a caricatura provoca o humor na medida em que seu traço permite identificar aridicularização do ser representado. O exagero é uma forma de chamar a atenção do leitor sobre a imagem retratada, funciona como um gatilho cômico.

Como já salientado, a charge é um gênero multimodal, o que significa que sua leitura não é linear; não há como definir o início da leitura, porque, a depender da percepção de cada leitor, a interpretação se dá a partir de um ponto. Além de se caracterizar como um gênero multimodal, a charge é condensada, o que exige do leitor o reconhecimento da imagem associado às indicações verbais (se houver) para

desencadear os elementos que ancorarão a produção de sentido. Por isso, a imagem caricatural e a ironia são elementos marcantes nesse gênero e promovem o humor.

Defendemos a ideia de que a charge deixa transparecer uma crítica social e a faz com leveza. Nela há uma temática séria retratada de forma humorística. Se há crítica, há proposições que desvelam um ponto de vista, há processos retóricos envolvidos, há o desejo de provocar uma reflexão e, conseqüentemente, mudança de comportamento. A retórica,

sedimenta ou altera os estados de espírito, move a disposição, modifica temperamentos e, por isso, liga-se intrinsecamente ao **humor**, uma vez que ao mostrar, pela construção discursiva, o valor positivo do ético, do justo, do belo, do honrável e da nobreza do acordo, ressalta nuances significativas da dimensão humana para, como objetivo maior, capturar a benevolência do auditório. Por ser inimiga da neutralidade, a retórica incita os **humores**: quando necessário, questiona as verdades absolutas, os dogmas, as autoridades, os idealismos, conclama o auditório a tomar uma posição [...] (Ferreira, 2015, p. 181-182) grifos do autor.

Conforme indica a citação, o humor não se restringe ao fazer rir apenas, mas trabalha com o comportamento humano com o intuito de promover uma reflexão sobre as atitudes do ser. Observaremos nas charges analisadas como elas contribuem para a formação crítica do leitor, ainda que de forma humorística.

O processo referencial na promoção do humor

À luz da teoria apresentada, propomos um olhar sobre duas charges cujo tema é a prisão de Antony Garotinho, ex-governador do Rio de Janeiro.

Charge 1



Fonte: <http://www.gazetaonline.com.br/opiniao/2016/11/charge-do-amarildo--17-11-2016-1013996536.html>, acesso em 05/02/2017.

A charge em tela foi produzida por Amarildo e publicada no Jornal A Gazeta em 17/11/2016. Conforme já salientamos, a charge é um texto temporal, geralmente relacionado a algum fato social e as imagens nela utilizadas precisam ser reconhecidas para a produção de um sentido adequado. No caso em análise, temos a figura caricatural de Antony Garotinho recebendo a voz de prisão anunciada por um representante da lei. O leitor é convocado a acionar informações sobre Garotinho e observar a forma como ele foi desenhado. Além disso, é fundamental que ele tenha conhecimento da legislação brasileira em relação à prisão. Esses pontos norteiam a produção de sentido.

Em relação às informações sobre Garotinho, é preciso reconhecer que se trata de uma figura pública, secretário de governo de Campos dos Goytacazes e ex-governador do Estado do Rio de Janeiro, e saber que ele foi preso no Flamengo, Zona Sul do Rio, por agentes da Polícia Federal, em 16/11/2016, portanto no dia anterior à publicação

dessa charge, acusado de envolvimento em atos de corrupção, como noticiaram alguns jornais do país.

Garotinho é representado como um menino, conforme indicam a roupa e os acessórios utilizados (short, camiseta, boné virado para trás e tênis), além da linguagem comumente usada por adolescente em conflito com a lei (Pô, tio! Eu não posso ser preso! Eu sou “dimenor”). O argumento utilizado pelo garoto para não ser preso é ele ser “dimenor”. Pela legislação brasileira, medidas socioeducativas são aplicáveis a adolescentes que praticam atos infracionais previstos no art. 112 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Embora o ato praticado por menores (faixa etária de 12 a 18 anos) seja um delito, a penalidade tem caráter predominantemente educativa e não punitiva, o que lhes possibilita não serem tratados como criminosos. A associação desses aspectos encaminha-nos à forma como o referente é construído nessa charge: o nome de Garotinho é recategorizado ao remeter à categoria adolescente. O chargista se vale do apelido do ex-governador, “Garotinho”, e esse referente é reconfigurado em um menino, por meio da imagem e da fala.

Verificando charges publicadas em jornais ou em sítios eletrônicos no período em que Garotinho estava sendo alvo de investigações, vimos que havia várias produções fazendo alusão a esse caso, o que corrobora a afirmativa de esse gênero abordar questões da ordem do dia. É interessante observar como o mesmo episódio é retratado por chargistas diferentes. Com o intuito de identificar se há estratégias recorrentes no processo de construção do texto e que outros elementos são ativados para a produção do sentido, quando se trabalha com o mesmo tema, selecionamos a charge seguinte, publicada também no dia 17/11/2016.

Charge 2

GAROTINHO É PRESO NO RIO



Fonte: <http://centraldoparana.com.br/charge/charge-17112016>, acesso em 05/02/2017.

Essa charge, que trabalha com a mesma temática da anterior, foi produzida pelo chargista Sinfrônio e publicada pela Central do Paraná. Nela o ex-governador é novamente retratado como um garoto. Como os olhos estão vendados, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente, é possível inferir que o ser representado é menor de dezoito anos. Isso, somado à “manchete” “Garotinho é preso no Rio”, promove o reconhecimento da imagem da charge, em que o ex-governador é mais uma vez recategorizado como um menino.

Além da figura do garoto, há dois aspectos importantes para a produção de sentido. O primeiro é o uso do demonstrativo **isso** (Imagina isso quando crescer...), que remete ao garoto. Mas seu sentido vai além de uma mera indicação; funciona, na verdade, como uma pista para que o leitor complete as reticências deixadas pelo produtor. Certamente, considerando a expressão “imagina isso”, uma das interpretações possíveis que se pode presumir é, “se ainda garoto já é suspeito de cometer infrações, quando crescer, o que se pode esperar?” O segundo é o referente “operação chequinho”², necessário para que o leitor construa sua leitura. Trata-se de uma operação

²No dia 16/11/2017, vários jornais noticiaram a prisão de Antony Garotinho e os motivos pelos quais ele estava sendo investigado. A “operação chequinho” é uma das ações investigadas. As informações presentes neste texto sobre o caso foram extraídas do sítio eletrônico <http://g1.globo.com/rio-de->

que investiga o uso indevido de um programa social implantado em Campos-RJ, o **cheque cidadão**, cujo propósito era beneficiar famílias em vulnerabilidade social. O ato sob investigação é a utilização do cheque para compra de votos nas eleições em Campos-RJ. A leitura da charge requer a associação da manchete “Garotinho é preso no Rio”, com a imagem do menino, além do saber sobre a “operação chequinho”. A identificação do referente Garotinho, ex-governador, e sua recategorização como menino, apresentado na imagem, confirma a hipótese de que a recategorização é uma importante estratégia na produção da charge.

As charges analisadas indicam que a recategorização é acionada pelas pistas contextuais (anúncio da prisão) e construída com base na evocação de elementos de natureza cognitiva (ex-governador = Garotinho/ associada Garotinho = menino). Observando outras produções publicadas relativas ao caso de Garotinho, foi possível perceber a recorrência dessa estratégia.

Considerações finais

A charge é um gênero textual cujo processo de produção requer de seu autor uma percepção ampla dos assuntos cotidianos, mas, dada sua configuração, exige que as informações sejam condensadas de forma a permitir ao leitor o resgate de pontos não explicitados no texto. Essa construção se torna possível por meio do jogo de imagens, das recategorizações que essas imagens podem acionar, associadas aos registros linguísticos, quando existem. Trata-se de um texto que revela um posicionamento crítico, com uma dose de humor.

Pelas charges analisadas, foi possível identificar como o processo de recategorização do referente é produtivo na construção de charges e ainda como esse processo contribui para a promoção do humor. De forma concisa, com base nas informações linguísticas e nos conhecimentos inferidos das pistas contextuais, o leitor constrói o sentido sobre temas sérios, mas de forma lúdica.

Por ser a charge um gênero temporal que dialoga com fatos do cotidiano, o reconhecimento dos referentes é condição *sinequa non* para sua compreensão. Quanto

mais informações o leitor tiver sobre o fato retratado, maior será o seu entendimento. Assim, a leitura de charges está diretamente relacionada ao conhecimento de mundo do leitor, ao seu *background* sociocultural e político, que passa a integrar o texto, pois é nesse imbricamento que a produção discursiva se instaura.

Referências

- CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
- FERREIRA, L. A. Tá rindo de quê? Aspectos da graça e do risível em retórica. In: CARMELINO, A. C (org.). *Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, 2015. p. 181-194.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 1998.
- _____. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____; _____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.
- LANDOWSKI, E. *Não se brinca com o humor: a imprensa política e suas charges*. Face São Paulo, v.4 n° 2, jul/dez, 1995.
- LIMA, S. M. C. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização*. 2009. 204f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- _____; CAVALCANTE, M.M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. *ReVEL*, v. 13, n 25, 2015 [www.revel.inf.br].
- LINS, M. P. P.; CAPISTRANO Jr., R. A referenciação como gatilho para a construção do humor em tiras cômicas. In: LINS, M. P. P.; CAPISTRANO Jr., R. (Orgs.) *Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos*. Vitória: PPGEL-UFES, 2014. p. 31-43.
- MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. P. 17-52. (Coleção clássicos da linguística).
- SILVA, C. L. M. *O trabalho com charges na sala de aula*. Pelotas, RGS: UFRGS, 2004